

ROMANCES e RESGATES: O CONFRONTO COM O PASSADO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Marcos Fabio Campos da ROCHA¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo propor uma taxonomia para o gênero literatura de confronto ou literatura de resgate. Entende-se por esses termos toda a produção literária que surgiu sobretudo na Alemanha e na Áustria após o fim da Segunda Guerra Mundial e instaurou um longo questionamento motivado por alemães aos próprios alemães acerca das responsabilidades individuais durante o processo de ascensão do nacional-socialismo e sua vigência até a derrocada final do III Reich. Para tanto, toma-se como fundamentação teórica um breve levantamento histórico que projeta seu foco sobre as origens do nacional-socialismo não só como fenômeno político, mas principalmente social, a partir das disposições individuais já há muito conhecidas dos alemães como o militarismo e o secular autoritarismo.

Palavras-chave: Nacional-socialismo; Literatura Alemã do Pós-guerra; Identidade Alemã; Modernidade.

Abstract

This paper aims to propose a taxonomy for a literature genre in the limits of representation: This genre tries to cope with a chapter of German history that seemed unmasterable. The confrontation literature faces Hitler's willing executioners and the responsibilities of ordinary Germans in the genocide since the rise of nazism up to desnazification of postwar Germany. This unresolved past finds its roots in previous centuries in which Hitler's shadow was not yet over Germany. Therefore a brief historical revue will help to understand the background before in which recollection literature rised and identified elements such as military pride, authoritarianism and prejudice. All of them obscured most Germans and prepared them as bigots for the most bewildering of all ideologies.

Keywords: Nazism; German Post-War Literature; German Identity; Modernity.

Ancestralidade

Após a Segunda Guerra Mundial, a Escola de Frankfurt empreende a reconstrução de um quadro de pensamento cujo objetivo era o de restituir à Alemanha as vias institucionais perdidas por ocasião da ascensão do nacional-socialismo ao poder. Com isso, o conceito de Modernidade foi revisto e passou a ser entendido não apenas como a realização pelo Estado totalitário de um planejamento econômico e político traduzido na prática por seu aspecto tecnocrático e dominador, mas sim como um projeto muito mais amplo, com raízes no Ilumi-

¹ Professor adjunto de Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas do Instituto de Letras da Universidade federal Fluminense.

nismo e que visasse, portanto, a uma emancipação do indivíduo e à consolidação das instituições democráticas. A Modernidade passou a ser vista como um projeto que ultrapassava os limites da racionalidade técnica e que poderia incluir no repertório de suas vocações uma série de instituições cujo funcionamento ajudaria a regular as relações do poder com a sociedade, como por exemplo, uma literatura não tutelada.

A *literatura de resgate* tem o intuito de rever aqueles anos de nacional-socialismo freqüentemente recalçados pela memória. A tese de Grant (1995) de que a literatura possa ser atuante na esfera pública, nos abre caminho a partir deste ponto. Como explica Alain Touraine (1999), a Modernidade vai muito além do mecanicismo e do cientificismo, que tanto a deformaram no século XIX e XX. A crítica à Alemanha de Hitler pode representar um reforço da literatura ao projeto da Modernidade na medida em que questiona um quadro de autoritarismo, de crenças, de terror e de omissões devidamente legitimados pela linguagem e pela propaganda.

A preparação do cenário de terror vinha se realizando pelo menos desde a proclamação do Império Alemão, em 1871, quando um ambicioso e agressivo projeto de industrialização e tecnização da Alemanha foi colocado em prática. Paralelamente, as conquistas da Modernidade com as marcas do Humanismo foram, cada vez mais, postas sob suspeita, até serem completamente descartadas ao longo do III Reich. Finda a Segunda Guerra, a literatura volta-se para o balanço dessas perdas. Nos interessará, portanto, estudar de que forma as diversas fases experimentadas por essa literatura de resgate na Alemanha, desde os primeiros contos de Heinrich Böll até as últimas publicações da década de 1990 representam momentos de amadurecimento da questão “confronto com o passado”. Seria esse amadurecimento, esta coragem civil de recolocar o tema em discussão, por si só, um fator de Modernidade? Nos voltamos para a identificação das várias modalidades de literatura de confronto e, conseqüentemente, para seu programa histórico-político que certamente confirmará esta hipótese.

Filiação e vocação da literatura de confronto

O romance é, originalmente, um gênero *Eróico*, romântico e inconformado, mas, de qualquer modo, um meio adequado à reflexão sobre o mundo-da-vida. Sua estrutura polifônica e sua evolução assinalam uma “interdependência recíproca da história social e do desenvolvimento da literatura (...) como mediação guiada por intenções (...) em que a literatura é apenas de interesse especial [pois] consegue atingir efeitos comunicativos específicos.” - situados fora do alcance de qualquer relato histórico ou jornalístico - acrescentaríamos a esta opinião de Hans-Georg Werner (1996, p. 308). Contudo, nem sempre o romance pôde ser tão heróico e não foram poucas as ocasiões em que ele se corrompeu sob regimes de opressão e descaracterizou-se. Por outro lado, lutou por seu heroísmo ao criar linguagens

semicifradas que o afastassem de qualquer insinuação de colaboração, recuperando, assim, parte de suas atribuições.

Seja como instrumento de propaganda ou de resistência, o texto estará em função de um discurso de poder com o qual manterá uma relação aberta. Ao se constatar uma mutação na história do discurso, o texto não deixará de assinalar este momento. Entre os dois extremos, entre a propaganda e a resistência, pode existir ainda uma série de matizes intermediários que se envolvem com graus variados de ideologia, os quais podem contribuir para afiançar intenções normatizantes do poder, isto é, forjar e reforçar um estado de pretensa neutralidade literária e social. Müller e Wegmann (1996, p. 299) assinalam que esta aparente imparcialidade pode, até mesmo sob a fantasia alternativa da contracultura, tornar as forças de normatização suportáveis. Caso a literatura divirja do estado de coisas, a ela estará sempre disponível, pela simples constatação das infinitas possibilidades textuais, a estreitíssima brecha de liberdade na qual a arte transforma seu espaço de ação e de “disseminação que nenhum regime ou discurso pode controlar inteiramente” (MÜLLER & WEGMANN, 1996, p. 295). Este é o momento de nos perguntarmos a respeito da vocação dessa literatura, por nós chamada de *literatura de resgate* ou *literatura de confronto*.

Nossa hipótese de trabalho é a de que esses títulos, ao revigorarem as discussões acerca da história alemã, sejam, eles mesmos, instrumentos de uma Modernidade retomada, antes interrompida com a ascensão do nacional-socialismo. Embora já transcorridos mais de sessenta anos desde o fim da Segunda Guerra, seria arriscado afirmar que o processo já se completou, pois a Modernidade não se completa nunca, uma vez que se concebe como crítica de si mesma. Assim, a *literatura de resgate* reforça o papel da literatura como observadora e mediadora de significados no mundo-da-vida, consumando sua função de negociadora dentro do processo de reavaliação de consciências ao nível individual e coletivo em relação à longa noite nacional-socialista na Alemanha.

Dentro deste quadro, as atitudes pessoais de cada autor podem divergir. Enquanto alguns não se furtarão ao debate, outros agirão intencionalmente pela revisão parcial de *Stichwörtern*, de tópicos a serem rediscutidos. Estes talvez prefiram repisar significados, banalizar e desqualificar a questão sobre o passado, ou calar-se sobre a continuidade do conflito, mesmo depois do silêncio das armas. A guerra sem combates foi bem mais longe e dela fizeram parte o desespero dos civis em marcha de fuga, o desamparo dos prisioneiros libertados e sem destino, a reconstrução de um país – literalmente em ruínas – e sua posterior divisão em dois blocos políticos antagônicos. É natural que cada autor se dedique aos temas que o afetam mais ou que mais ameacem sua paz de espírito. No entanto, podem haver áreas da memória mais obscuras que outras, que dificultem qualquer consideração da possibilidade de sobrevivência das mentalidades ultra-reacionárias tanto no leste como no oeste.

Tampouco se deve omitir uma outra vocação da *literatura de confronto* que é a capacidade de reler a história. Em seus estudos sobre a *Nova história*, Peter Burke (1992) aponta para a necessidade de se alcançar uma documentação

alternativa a fim de que as histórias dos atores sociais possam ser registradas segundo um ângulo diferente. Essa tendência surgiu, como é sabido, com a *École des annales*, em torno de 1929, em Estrasburgo, na França. Nomes como os de Fernand Braudel, Marc Bloch e Lucien Febvre (BURKE, 1992, p.17) vieram proporcionar uma outra visão dos fatos históricos, tomados, agora, a partir de pontos de vista mais diversificados. Arquivos antes desprezados, mas ricos em informações sobre certos nichos sociais e institucionais passaram a ser levados em consideração por conseguirem iluminar com mais intensidade os ângulos da história do cotidiano anteriormente desprezados pela velha corrente *événementielle*, pela antiga escola das grandes datas, das batalhas, dos nomes de generais e de príncipes, das invasões e das colonizações que calaram por longos séculos a rica polifonia da cadência do dia-a-dia, da normalidade, mesmo quando essa tranquilidade ocultava energias e sentimentos longamente abafados. A *Nova história* viria, então, conceder espaço à pluralidade de vozes que antes não tinham oportunidade, mas que, uma vez ouvidas, podiam falar – eloquentemente – a respeito do destino dos sujeitos tanto em tempos de paz, quanto em tempos de, pelo menos, relativa normalidade civil. Se levarmos em conta que esse estado de aparente ausência de acontecimentos não só se constitui na vida de regra, como também é muito mais rico em informações sobre o estágio de avanço político de uma determinada civilização, nos convencemos de que ele terá muito mais a nos dizer do que a mera sucessão de campanhas militares, descobertas e geopolíticas. Este coro sinfônico, esta poliglossia em oposição à antiga monofonia acaba por tecer uma trama densa de significados que transforma a cena e concede às pesquisas um aspecto tridimensional e dinâmico. Afinal, quem são os verdadeiros agentes da história? Os que a vivenciam pelo lado mais duro e amargo e a reinterpretam vendo-se a si próprios como coparticipantes ou coprotagonistas dos grandes movimentos coletivos, ou aqueles que, por deter o poder da palavra se arvoram o direito de impor sua visão comprometida dos fatos e emudecer a grande maioria que – de fato – operou e sofreu sob as mudanças?

A *literatura de resgate* pretende, como um instrumento de reflexão, romper o vício da história oficial, uma vez que as fontes à disposição deixam de ser restritas. Emergem, assim, os pontos de vista “de baixo” (BURKE, 1992, p. 43) que, aqui, são as experiências e memórias de jovens de uma geração de alemães, mais vítimas que algozes do nacional-socialismo. Sua intenção conjunta é enfrentar suas próprias atitudes, mas também, questionar a de seus pais, irmãos, parentes, vizinhos, professores e amigos diante da barbárie da nova ideologia. Decidem-se pela investigação das origens do nazismo na sociedade que lhes era mais próxima, partem no encalço de pistas dentro de sua imediata vizinhança, pois sabem que foi devido ao apoio de gente comum como aquela que os rodeava que Hitler chegou ao *Reichstag* – por mais ardiloso que fosse, ele não poderia ter ascendido sozinho no regime pró-democrático, embora extremamente tenso da agonizante República de Weimar. A transferência do foco de estudo de diversos autores sobre a experiência do nacional-socialismo dentro desses laços de parentesco e vizinhança, sua plena adesão ou sua relativa emancipação em relação às ações dos líderes políticos abre

uma poderosa lente sobre o passado que as práticas convencionais de pesquisa não logram localizar. A *literatura de confronto* é, portanto, um vetor desta nova escrita que redesenha a paisagem histórica e

busca definir sinais e símbolos públicos com referência à multiplicidade de representações sociais que eles produzem (...) no contexto de condições sociais diferentes. Essas estruturas simbólicas produzem uma multiplicidade de representações fragmentadas e diferenciadas e serão objeto de nosso estudo.

Compartilhamos dos votos de Levi (1992, p. 149), e os estendemos aos nossos próprios objetivos. Ao lançar mão de recursos, como aqueles disponíveis ao romance, a literatura passa a ser encarada como possível técnica descritiva e como uma forma de raciocínio “mais intrinsecamente autoquestionada e menos assertiva que qualquer outra antes utilizada” (LEVI, 1992, p. 160), mas que, em contrapartida e em toda a sua subjetividade, é capaz de fornecer dados numa chave antes inacessível à pesquisa histórica. Assim como o romancista, o historiador precisa praticar a heteroglossia (BURKE, 1992, p. 336), o que vem a se identificar com o que Bakhtin (1998) chamou de *polifonia*, isto é, uma estrutura da pluralidade de vozes que ecoam dentro do sujeito e que o levam a se constituir.

A *literatura de resgate* indaga os sujeitos a respeito de sua coragem de se impor como tais, de emergir da condição de súditos miseráveis para a de *cidadãos* responsáveis, dotando, assim, a narrativa de densidade suficiente para

lidar não apenas com a seqüência dos acontecimentos e das intenções conscientes dos atores nesses acontecimentos, mas também com as estruturas – instituições, modos de pensar (...). Como seria uma narrativa desse tipo? (...) é possível discutir [essas questões] tendo-se como base textos e narrativas produzidos por romancistas e historiadores.

Este trecho de Burke (1992, p. 339) conduz-nos diretamente aos antecessores da *literatura de resgate*, localizáveis em alguns romances históricos que reelaboraram episódios e períodos de grande convulsão social em diversos momentos e culturas a partir da perspectiva do homem comum, como é o caso das invasões napoleônicas na Rússia, reencenadas por Tolstói em *Guerra e Paz* (BURKE, 1992, p. 340). Da mesma linhagem, porém, mais recentes, nos ocorrem títulos como *La condition humaine* (1933) de André Malraux e *Le Sourcis* (1945) de Jean Paul Sartre cujos múltiplos narradores e protagonistas são indivíduos às voltas com suas opções e destinos, envolvidos, respectivamente, nas convulsões sociais da China pré-revolucionária e nos movimentos de resistência na França sob invasão alemã. Trata-se de heróis anônimos que Lukács (BURKE, 1992, p. 344) classifica como “heróis medíocres”, ou seja, “um herói cuja vulgaridade permite que o leitor enxergue mais claramente a vida e os conflitos sociais de época”, definição que pode ser aplicada a muitos dos personagens da *literatura de confronto*, criados ou reestruturados para narrar os acontecimentos e refletir a respeito das circunstâncias que levaram a Alemanha para a catástrofe.

Haverá tantas nuances dentro deste gênero literário, que guarda vários pontos em comum com o romance histórico, quanto múltiplas forem as tragédias que a guerra e seus prenúncios produziram. Tudo indica que muitas distinções podem ser feitas. A princípio, o termo *literatura de resgate* permanece em vigor para todos os títulos mencionados, visto que seus objetivos maiores referem-se à rememoração da vida alemã sob o III Reich, não importando para isso se esta reflexão é feita por autores da RFA ou da ex-RDA. Boa parte das narrativas ocupar-se-á com a descrição mais ou menos detalhada do dia-a-dia urbano, enquanto outras não excluirão as agruras do *front*. É sabido que Hitler fazia questão que as rotinas banais do campo e da cidade continuassem diárias e ordinárias, o que dava à guerra mais aniquiladora e ao Estado mais terrorista da história a terrível aparência de “normalidade” (HIEBER, 1998, p. 61).

O questionamento poderá revelar antecedentes familiares que, em escala nacional, foram os grandes responsáveis pelo desastre, e aprofundar o drama de consciência pela omissão e pelo aval inconsequente, embora imposto pelo mais absoluto terror. A análise dessa literatura abordará os agenciamentos realizados para organizar – de maneira literária e contundente – um material que exige cuidado de exposição e esforço de expressão, talvez mesmo a criação de uma nova linguagem capaz de sustentar as inúmeras implicações pessoais e coletivas que dizem respeito ao passado dos próprios autores.

Identificação da literatura de confronto

Desta classificação excluimos, intencionalmente, a sortida literatura específica sobre as campanhas das diferentes unidades da *Wehrmacht*, assim como as missões da armada de submarinos, da *Luftwaffe*, das divisões *Panzer*, ou dos paraquedistas. Estas, por mais ricas que sejam em atos heróicos e detalhes interessantes, não põem em questão a legitimidade das ações e do pensamento nacional-socialista.

Antes de passarmos ao estudo do reconhecimento dessas categorias, seria importante lembrar que assim como o nacional-socialismo teve um longo antecedente histórico, a *literatura de resgate* também conta com precursores na forma de ensaio que já prenunciavam a tragédia. O primeiro deles é de autoria de Heinrich Mann que se dedicou ao tema da crítica política na monografia *Kaiserreich und Republik* (1919) na qual ele se refere aos alemães como um “*Herrenvolk aus Untertanen*”, um povo soberano formado por súditos (VON KROCKOW, 1990, p. 428). Outra fonte de análise de primeiríssima hora é o rico ensaio do psiquiatra austríaco Wilhelm Reich com o título *Psicologia de massas do fascismo* que ele pôde publicar já em 1933, quando a Áustria ainda estava longe de tornar-se (pelo menos oficialmente) parte do *Reich*. Por sua vez, este ensaio também teve um antecessor assinado por Sigmund Freud e lançado em 1921, portanto, bem antes do advento do nazismo, com o título *Psicologia de massas e análise do ego*. Nele, o pai da psicanálise se ocupa da “relação entre os membros

de uma sociedade e seu líder” (SOUSA, 1995, p. 159). No entanto, outros autores como Karl Kraus, falecido em 1936, não tiveram a mesma sorte. Seu longo artigo contra o fascismo intitulado *Die dritte Walpurgisnacht*, escrito em 1933, só veio a público quase duas décadas mais tarde, em 1952. A produção de ficção suficientemente corajosa para criticar os entusiasmos nazistas era frequentemente recusada pelas editoras austríacas como “literatura de esquerda” (SCHLOSSER, 1994, p. 259).

No campo da ficção, a literatura de confronto teve seu terreno aplainado por dois autores de ascendência israelita que abordaram o drama da divisão psíquica a que estavam sujeitos todos os judeus alemães. Um deles é Jakob Wassermann cujo ensaio *Mein Weg als Deutscher und Jude* (Meu caminho como alemão e judeu), de 1921, é também uma reelaboração teórica de outra obra sua, *Die Geschichte der jungen Renate Fuchs*, de 1900, este com mais propriedade, um romance de formação (ROSENFELD, 1993^a, p. 126) no qual a problemática da dupla existência é ilustrada por uma protagonista que se debate com a intolerância e o preconceito. O outro autor de obras que podemos considerar como precursoras da *literatura de confronto* é Joseph Roth, “judeu convertido ao catolicismo e oficial do exército austríaco durante a Primeira Guerra Mundial” (ROSENFELD, 1993^a, p. 127). Seu romance *A Marcha Radetzky*, de 1932, atesta a constrangedora situação a que fora levado como resultado da marginalização praticada pela sociedade vienense e que ele reencena através do infeliz tenente Trotta, um súdito emergente da monarquia, oriundo, como Roth, de uma região periférica do grande império e cuja vontade de ascender na hierarquia militar e na escala social leva-o à desgraça.

1. O resgate do front

Em um primeiro momento, a *literatura de confronto* ocupou-se da ação dos soldados nas linhas de frente ou a caminho dela. Vemos, então, nas páginas de Heinrich Böll (*Wo warst du, Adam?*) cenas terríveis de ataques e batalhas, de envolvimento afetivos de soldados com artistas e enfermeiras, ligações proscritas com professoras judias. A leitura de obras como *Wo warst du, Adam?* não é passatempo ligeiro e exige do leitor grande disposição para acompanhar a trajetória que Böll teve de percorrer como soldado da *Wehrmacht* ao enfrentar seu destino.

2. O resgate dos escombros

Um segundo grupo estaria por conta da chamada *Trümmerliteratur* ou “literatura de escombros”, da qual Heinrich Böll é também representante de destaque (*Und sagte kein einziges Wort*). Como parte da *Nachkriegsliteratur*, ou literatura do pós-guerra, ali se encontram encenados os momentos de flagelo e de desesperança em meio às ruínas em que se transformaram a maioria das cidades alemãs, após o fim das hostilidades.

3. O resgate do silêncio

Um dos capítulos mais misteriosos a ser resgatados é o do silêncio no qual mergulharam autores alemães que optaram por não deixar o país durante os anos do nacional-socialismo. Fecharam-se numa “emigração interna” autores como Erich Kästner, Hans Carossa e Ina Seidel, sobre os quais Otto Maria Carpeaux (1964, p. 261) recusou-se a dizer mais que três linhas e Anatol Rosenfeld (1993a) calou-se de todo.

4. O confronto com a “normalidade”

Neste ponto, nos perguntamos se também haveria sentido em se falar de uma literatura de guerra que tratasse da “normalidade” a não ser de modo irônico. Seria o caso da novela *Katz und Maus*, de Günter Grass, antes elaborada como um capítulo de *Anos de Cão*, terceira parte da Trilogia de Dantzig. Destacada do caudaloso romance, acabou compondo um agradável “segundo movimento”, espécie de pequeno satélite brilhante entre dois planetas gigantes. Não fossem as alusões indiretas sobre a guerra, se pensaria até em *Les faux monnayeurs* de André Gide ou nos *Garotos da rua Paulo* de Ferencz Molnár. *Katz und Maus* (Gato e rato) é uma narrativa sobre o cotidiano inocente de uma turma de meninos de Dantzig durante a Segunda Guerra. Por trás do idílio, porém, pairavam as nuvens escuras dos combates e do terror que agravavam os sentimentos de culpa que o narrador e coprotagonista tenta enfrentar ao longo de anotações de sua memória.

A manutenção da aparente normalidade (pelo menos até o início dos bombardeios) tinha seu preço, a saber, o processo de esquizofrenização da sociedade. Pesquisas sérias sobre diversos aspectos dessa “ordem” e dessa “segurança” (VON KROCKOW, 1990, p. 213) também se incluem no gênero *literatura de resgate*.

5. O confronto no exílio

Outro grupo ligado a essa literatura de guerra e que jamais esteve ausente do cenário intelectual é a brilhante literatura de exílio. Ela reuniu os autores de maior destaque das letras alemãs, apesar dos diferentes destinos que lhes estavam reservados. Os motivos do exílio foram basicamente raciais e políticos. Como intelectuais, entretanto, os escritores tornaram-se automaticamente suspeitos e, uma vez perseguidos, optaram pela vida fora da Alemanha nazista por discordarem radicalmente da tirania de Hitler. Segundo Schlosser (1994, p. 255) aproximadamente mil e quinhentos intelectuais partiram, a princípio, para outros países da Europa central e ocidental, para passar, em seguida, aos Estados Unidos, ao Brasil, ao México, à Suécia e à Rússia, quando suas sucessivas estações de asilo foram invadidas. Otto Maria Carpeaux (1964, p. 261) inclui nesta lista os autores judeus e/ou comunistas ou outros que se diziam livre-pensantes e que tendo ou não

produzido no exterior, morreram fora dos campos de concentração, como Walter Benjamin, Stefan Zweig e Kurt Tucholsky, igualmente vítima de profunda desesperança no exílio sueco. Para nossos fins, interessam deste grupo – já profundamente estudado por Izabela Maria Kestler² no que concerne, sobretudo, os escritores alemães refugiados no Brasil antes da guerra - nomes como Anna Seghers, em *Das siebte Kreuz* (1942), Arnold Zweig, em *Das Beil von Wandsbeck* (1943) e Nelly Sachs, em *Eli - Um auto do sofrimento de Israel*, de 1944 (ROSENFELD, 1993b, p. 228).

Não pretendemos distinguir entre *literatura de confronto* na RFA e na RDA, assim como não vemos propósito em distinguir literatura de ficção de poesia quando voltadas para o resgate. Aproveitamos, apenas, a oportunidade para assinalar que o romance de Anna Seghers, “A sétima cruz”, de que falamos acima, constituiu-se na obra mais popular e no melhor exemplo de “literatura antifascista” na RDA do pós-guerra dentro do gênero “enfrentamento” do passado hitlerista.

6. O resgate da grande marcha

No inverno de 1944-45, milhões de alemães partiram do leste europeu para se refugiar dentro das fronteiras originais do *Reich*, evitando cair nas mãos das tropas russas que, no final do conflito, começaram a se mobilizar para uma contra-ofensiva e marchar em direção oeste. Ao lado de obras que chegaram ao mercado como *Im Krebsgang*, de Günter Grass (2002), registra-se o testemunho de outros autores, como Marion von Dönhoff (*Namen, die keiner kennt*) e Hans von Lehndorff (*Ostpreussisches Tagebuch*), Walter Kempowsky (*Echolot*) e Erich Schwarz (*Abschied von Königsberg - Erinnerungen an die Jahre 1945-1947*), citados pela revista *Der Spiegel* (Darnstädt e Wiegrefe, 2002: 42). Trata-se de episódios detalhadamente comentados também por Christa Wolf (*Kindheitsmuster*) e Günter De Bruyn (*Zwischenbilanz*), eles mesmos sobreviventes da longa marcha referida em alemão como *Treck*, na qual mais de onze milhões de pessoas puseram-se a caminho, desde a Prússia Oriental ou dos confins da Silésia e da Transilvânia, onde havia alguns contingentes de alemães que foram removidos dali.³

7. A experiência dos judeus tolerados

Passemos, agora, ao grupo de *literatura de confronto* que reúne as experiências de *Geltungsjuden*, judeus semitolerados pelo regime nazista. Falamos de Hubert Fichte, pesquisador que esteve por diversas vezes no Brasil e faleceu prematuramente em meados dos anos oitenta. Fichte sofreu o dilaceramento da alma ao ser obrigado a servir na *Hitlerjugend* para disfarçar sua ascendência

² Kestler, Izabela, M. *Das Exil und die Exilliteratur der Deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien 1933-1945*. Frankfurt am Main: Peter Lang Verlag, 1992.

³ Atlas da História do Mundo. São Paulo: Folha de São Paulo, 1992, p. 270.

parcialmente judaica (VON WANGENHEIM, 1981, p. 29, e WISCHENBART, 1981, p. 76). O drama de inúmeros *Mischlingen* (semijudeus) que serviram às tropas da *Wehrmacht* também foi estudado e publicado, mas em nossa categorização, incluído mais adiante sob a rubrica “pesquisa”.

8. O confronto com as experiências duplas

Dentro da categoria “literatura de populações refugiadas”, parte da *literatura de confronto*, identificamos o registro da memória de semijudeus não enviados para os campos de extermínio e que, ao final da guerra, sofreram um destino semelhante aos dos demais alemães retirantes. Michael Wieck, protagonista de uma dessas experiências somadas, é autor do relato autobiográfico que aborda esse período especialmente difícil para os alemães do leste. Nele, Wieck prestou um depoimento com o título *Zeugnis vom Untergang Königsbergs* (2001), um testemunho sobre a queda da velha capital da Prússia Oriental, cidade de grande tradição cultural, berço e túmulo de Immanuel Kant. Após a entrada em vigor das sucessivas leis de restrição impostas aos judeus, Wieck foi devidamente identificado com a inevitável estrela de seis pontas e obrigado a adiar seus sonhos de ascensão. Contudo, ao final da guerra, o autor (2001, p. 98) teve de fugir do contra-ataque russo juntamente com os outros alemães.

9. O resgate de uma decisão

Como nona categoria da *literatura de confronto ou de resgate*, uma obra de Alfred Andersch (1914-1980) concentra-se na angústia daqueles que veem na deserção a única atitude possível e correta, o que coloca o indivíduo diante de problemas de ordem existencial dos mais graves, pois se trata de uma decisão extremamente solitária que produz longo sofrimento, caso não seja resultado de uma reação espontânea e oportunista. Suas peculiaridades justificam, portanto, a abertura de item específico.

O exílio na Suécia, único país escandinavo neutro durante a Segunda Guerra Mundial, foi também o objetivo de seus personagens, que por razões diferentes, procuravam fugir da Alemanha nazista, em *Sansibar oder der letzte Grund* (1957).

10. O resgate da resistência

Em 2003, por ocasião da passagem dos sessenta anos da dissolução da organização *Weißer Rose* (Rosa Branca), o grupo de resistência formado por universitários e liderado pelos irmãos Scholl, executados em 1943, a *literatura de resgate* dá provas de seu vigor e traz à esfera pública diversas biografias e estudos sobre a pequena resistência (WIEGREFE, 2003, p. 48) de autores como Michael

Degen, Detlev Bald. No entanto, este viés da *literatura de confronto* já, há muito, reúne nomes como o de Ursula von Kardorff, (*Berliner Aufzeichnungen aus den Jahren 1942 bis 1945*, München: Biederstein Verlag, 1962). Todos vêm juntar-se ao monumental romance em três volumes, *Estética da Resistência* (1978-1981), de Peter Weiss, que é, em parte, também, autobiografia e ensaio filosófico sobre as diversas formas de opressão reforçadas pela estética, assim como sobre as possibilidades de resistência política em diferentes cenários históricos e culturais (SCHWEIKERT, 1982, p. 107).

11. A voz dos sobreviventes

Na opinião de Márcio Seligmann-Silva, a maior autoridade no Brasil sobre a *Shoah-Literatur*, “a situação-limite não pode ser apresentada sem se levar em conta as testemunhas” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 22). Mais uma vez, o tema voltaria à esfera pública, provavelmente, por ocasião da morte súbita e violenta de um desses sobreviventes – Primo Levi – em 1987, um autor italiano judeu que tinha sido deportado para Auschwitz e que lá sofreu por um ano. Sua história foi recentemente publicada em duas biografias. Uma resenha do Jornal do Brasil (Caderno Idéias, 4.5.2002, p 7) falou a respeito desses lançamentos:

Primo Levi era um grande autor [que] foi, sobretudo, Auschwitz. Grande parte de tudo que escreveu está ligada a este passado-presente fantasmagórico e (...) qualquer pesquisador que se propuser a analisar as obras e a vida do autor terá de fazer inevitavelmente este horrível e assustador percurso.

Relatos semelhantes podem ser igualmente localizados na biografia de Jorge Semprún, ex-prisioneiro em Buchenwald, onde “a sobrevivência é a experiência mais radical possível para um ser humano”. Suas reflexões sobre a guerra e sobre a degradação foram reunidas no romance *Viveré com su nombre, vivirá com el mio* (SEMPRÚN, 2001).

A expressão “diálogo com os sobreviventes”, empregada por Braese e Gehle (1999, p. 82), tem sido habilmente evitada por aqueles agentes que sobreviveram e foram identificados. Contudo, as vozes do passado não se calam por muito tempo e retornam à cena por ocasião do jubileu de alguma data da qual os sonegadores de sentido preferem se esquivar. Além da agitação provocada pela morte de Primo Levi no meio editorial, também no final dos anos 1980, a esfera pública seria devidamente notificada a respeito da passagem dos cinquenta anos pela memória da apavorante *Reichskristallnacht*, da longa noite dos cristais, como ficou conhecido o ataque às vitrines e fachadas das lojas judias na Alemanha em 9 de novembro de 1938. Na triste memória de seu jubileu, em 1988, este ataque a

milhares de estabelecimentos comerciais judeus mereceu pronunciamento do presidente do *Bundestag* (Câmara de Deputados), Philipp Jenninger.⁴

Esta *Vergangenheitsbewältigungsliteratur* - literatura de reelaboração do passado -este duradouro confronto literário tem por característica a periodicidade, ou melhor, a intermitência de suas manifestações. Enquanto houver memória a se resgatar, a opinião pública terá de lidar com mais uma disputa de pontos de vista sobre as mágoas impugnadas e controvérsias não resolvidas. Boa prova disso é a volta ao mercado de obras como *Kadisch*, de Imre Kertész – Prêmio Nobel de Literatura de 2002 – e publicado no Brasil em 1995. Nesse romance, o narrador explica sua recusa em formar uma família devido aos traumas não superados de um campo de extermínio (Revista Veja No. 45, 13.11.2002, p. 153). Todos os registros que reúnem essas experiências imediatas de dor são também tratados pela crítica como exemplos de uma *Shoah-Literatur* ou “literatura de testemunho”, na qual também se inclui o escritor de expressão alemã, mas de origem judaico-polonesa Jurek Becker (DAHLKE, 2003, p. 14).

Também merece menção, nesta subcategoria, a biografia do renomado crítico de literatura alemã, Marcel Reich-Ranicki, literato judeu, compatriota de Becker que emigrara menino para a Alemanha. *Mein Leben* (2002) foi comentado por ninguém menos que Mario Vargas Llosa (2003, p. 66) que destacou a profunda humanidade do relato.

12. O confronto através da pesquisa

A pesquisa científica tem seus modelos e argumentação próprios, no entanto, ao se aprofundar em temas como ‘holocausto’, utilizará uma linguagem que surgiu com a constatação gradual das dimensões do horror. Este novo código, fixado por autores também intérpretes, contextualizará de maneira eficaz e condizente a contundência dos dados. Como um tradutor do indizível, o relator será capaz de transfigurar o que recebe ou registrou e devolvê-lo ao leitor em linguagem que ateste um novo compromisso (GADAMER, 1973, p. 406).

Este item da *literatura de resgate* apresenta grande variedade de forma e conteúdo, dada a diversidade de aspectos em torno do tema. Um dos capítulos mais instigantes é o que trata da dualidade psicológica reinante na população alemã da era hitlerista. Hans Dietrich Schäfer (1982) dedicou-se ao estudo desta esquizofrenia coletiva em seu ensaio *Das gespaltene Bewusstsein – über deutsche Kultur und Lebenswirklichkeit 1933-1945*.

Em 1991, o mercado editorial alemão registrou o lançamento de um importante estudo sobre o comportamento dos artistas no III Reich. *Führertreu und gottbegnadet: Künstlereliten im Dritten Reich*, de Oliver Rathkolb, “ocupa-se

⁴ 9 de novembro é uma data significativa para o calendário alemão pois marca outros três episódios: a proclamação da República (1918), o malogrado *Putsch* dos nazistas em Munique (1923), e a abertura do Muro de Berlim (1989).

exclusivamente com os aspectos políticos das biografias de estrelas do cinema e do teatro durante a era nacional-socialista” (DUSSEL, 1992, p. 813), cuja ideologia procurou transformar estes cenários em vitrines da teoria racial.

Encontramos também entre as pesquisas sobre os anos do nacional-socialismo, o interessante levantamento realizado por Benjamin Ortmyer (2000) sobre o sofrimento dos estudantes judeus na escola pública alemã daquela época. A obra leva o sugestivo título *Schulzeit unterm Hitlerbild*, anunciando a presença opressiva do *Führer* junto à juventude, sob o olhar de seu retrato em cada sala de aula, e que ele sabidamente queria tornar “cativa, porém feliz”. A menção a este autor nos traz a lembrança de uma precursora da pesquisa sobre o nazismo no âmbito escolar: Erika Mann. A filha do celebrado escritor Thomas Mann publicou em 1938, fora da Alemanha, o ensaio *Zehn Millionen Kinder: Die Erziehung der Jugend im Dritten Reich*, investigação pioneira na área de educação (SCHLOSSER, 1994, p. 258), trabalho que inscreve a autora tanto na categoria de pesquisa quanto na de *literatura de resgate* no exílio

Outras pesquisas de interesse são aquelas voltadas para certas ciências aplicadas como medicina e engenharia e que abordam características da prática desses saberes no III Reich. Um dos exemplos mais consistentes é o volume assinado por Jeffrey Herf (1993), com o título *O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no III Reich*, onde o autor discute como certos intelectuais foram facilmente seduzidos pela ideologia e explica como a exponenciação da técnica conduziu a Alemanha à barbárie.

Como continuação ao estudo pioneiro de Wilhelm Reich, *Psicologia de massas do fascismo*, de 1933, encontramos em *Psicanálise e nazismo* (1985), uma série de observações a respeito das conjunturas e do destino da psicanálise na Alemanha nos anos de chumbo. Organizado por Chaim Samuel Katz, o volume reúne diversos ensaios de vários autores que tentam explicar as relações entre a nova ideologia e a reação de muitos alemães. Ali encontraremos, por exemplo, comentários referentes ao elevado número de suicídios na Áustria, após o *Anschluss* em 1938 (KATZ, 1985, p. 31), estudos sobre a correspondência de Freud a respeito da situação política de seu país (KATZ, 1985, p. 58), a degradação da psicanálise em sua forma “autorizada” pelo III Reich e até mesmo um balanço da prática psicanalítica na Alemanha desde os anos do pós-guerra até 1970. Outro título também dedicado à pesquisa sobre as conformações psíquicas identificadas na Alemanha que acolheu o nacional-socialismo é o conhecido volume assinado por Alexander e Margarete Mitscherlich: *A incapacidade de sentir luto (Die Unfähigkeit zu trauern)*, de 1967, que foi repetidamente editado em alemão e em várias outras línguas, atestando a competência de seus autores, reiniciadores da psicanálise na Alemanha (SOUSA, 1995, p 158).

Contamos, também, com a *História Ilustrada da Segunda Guerra Mundial*, extensa coleção da Editora Renes cujos títulos se agrupam em diversos subtemas referentes à Segunda Guerra Mundial. Dentre eles, apenas alguns podem ser encarados como *literatura de resgate*, sobretudo os da série “Conflito Humano”, por exemplo: *Julgamento em Nuremberg: epílogo da tragédia; A Juventude*

Hitlerista: mocidade traída; Genocídio; Waffen-SS: soldados da morte ou *SS e Gestapo: a caveira sinistra*. Embora contenha muitos títulos voltados para descrição de batalhas, boa parte de seus volumes pode servir de base para outras pesquisas.

Outras obras ricamente documentadas foram recentemente lançadas em português, como a tese de doutorado de Bryan Mark Rigg em Cambridge com o título *Os soldados judeus de Hitler* (2003), minucioso estudo sobre a cooptação das identidades dilaceradas de indivíduos com ascendência parcialmente judia, e *A Alemanha de Hitler* de Roderick Stackelberg (2002), professor de história alemã do século XX na Gonzaga University nos Estados Unidos. Ambos os volumes exploram determinados ângulos do nacional-socialismo que até hoje permaneciam obscuros, além disso, suas extensas e generosíssimas bibliografias dão conta da dimensão do universo das pesquisas já publicadas em inglês ou em alemão sobre o III Reich. Igualmente rica em detalhes e de uma bibliografia referente à experiência dos franceses durante a ocupação, tem-se o volumoso estudo de Jacques Delarue, *Histoire de la Gestapo*, de 1962.

13. A literatura de confronto como instituição

No entanto, as próprias obras não trabalham sozinhas na conquista de espaço para si junto à opinião pública. Através da premiação de autores que tenham se dedicado à pesquisa, a *literatura de confronto* com os anos de chumbo consegue, também, atrair a atenção da mídia. Nesse sentido, foi instituído o Prêmio Irmãos Scholl que, em 2003, foi entregue ao historiador Raul Hilberg, judeu alemão naturalizado americano, por sua longa série de trabalhos acerca dos diversos graus de envolvimento dos alemães com o genocídio. Seus textos começaram a ser publicados no início da década de 1960. O primeiro deles, *The Destruction of the European Jews*, editado por uma casa de Chicago, contém informações tão estarrecedoras (tomadas, inclusive, dos processos de Nuremberg) que mereceu até um parecer negativo de ninguém menos que Hannah Arendt (MOMMSEN, 2003, p. 25). Ela, provavelmente, temia as consequências políticas sérias que tais declarações poderiam provocar, embora o tenha citado posteriormente em seu trabalho sobre Adolf Eichmann (MOMMSEN, 2003, p. 25). O texto de Hilberg só apareceria em alemão quase trinta anos mais tarde pela S. Fischer Verlag, de Frankfurt, em 1990, seguido do volume *Täter, Opfer, Zuschauer. Die Vernichtung der Juden 1933-1945*, dois anos depois. Entretanto, ele já havia publicado em seu país de origem “o espetacular estudo *Sonderzüge nach Auschwitz* que investiga o papel da *Deutsche Reichsbahn* (Ferrovias do Reich Alemão) no processo de extermínio” (MOMMSEN, 2003, p. 25).

14. O relato dos soldados

Nesta categoria se inserem, por exemplo, os títulos *Zwischenbilanz*, de Günter De Bruyn (1994) e *Der Ernstfall*, de Dieter Wellershoff (1995), que incluem passagens de batalhas nas quais eles próprios foram gravemente feridos, além de conterem ótimas descrições do desumano treinamento. Não fossem tão esparsos, valeria a pena refletir a respeito da possibilidade de relatos de alguns poucos autores judeus como Hilberg, Alfred Döblin e Stefan Heym (*Schwarzenberg*) constituírem, por si, uma subcategoria em nossa classificação dada a peculiaridade de sua experiência. Após terem emigrado para os Estados Unidos, autores como eles estiveram de volta à Europa, antes mesmo do fim da guerra, mas na condição de soldados americanos que serviram como tradutores e intérpretes na Alemanha ocupada. É possível que seus pontos de vista dessem a eles condições privilegiadas de observação, ausentes de outras categorias da *literatura de confronto*. Casos semelhantes foram registrados por De Bruyn (1994) e Wellershoff (1995) ao depararem com soldados em uniformes ingleses ou americanos falando alemão fluente e sem sotaque.

15. Uma nova guerra de significados

Dentre as pesquisas que se incluem sob a rubrica *literatura de confronto*, existe uma subcategoria que deve figurar independente da pesquisa histórica propriamente dita por utilizar metodologia e fundamentação teórica específica. Trata-se das pesquisas de natureza filológica que têm como foco principal o processo de decadência linguística em que a Alemanha foi envolvida para justificar uma política de agressão. O melhor exemplo dessa bibliografia seria o fabuloso volume de Victor Klemperer, *LTI (Lingua Tertii Imperii)*, de 1947, assim como a abrangente coleção realizada por Dolf Sternberger com o título *Aus dem Wörterbuch des Unmenschen* e publicada no volume *Sprache und Politik* (1991), todos citados por Jürgen Schiewe (1998, p. 207) em seu ambicioso estudo *Die Macht der Sprache*.

16. Os grandes títulos do confronto

No final dos anos cinquenta, a *Trilogia de Danzig*, de Günter Grass, assentaria os trilhos e dormentes sobre os quais correria o trem do confronto. A despeito de certa indisposição da opinião pública, economicamente recuperada e confortavelmente instalada, em debater com coragem as responsabilidades e as irreparáveis perdas, a literatura de resgate se manifestaria, nos anos sessenta em obras de autores reconhecidos como Ingeborg Bachmann, Peter Weiss, Heinrich Böll e Siegfried Lenz (*Deutschstunde*). Böll volta ao tema, nesta mesma época com a novela *Ende einer Dienstfahrt* e, no início dos anos de 1970, com um romance

mais ousado – *Gruppenbild mit Dame* – nos quais focaliza as (más) disposições dos alemães diante das potências vencedoras ainda presentes como forças de ocupação, além dos inevitáveis desconfortos provocados pelas depurações. O texto guarda um interesse particular justamente por situar-se no pós-guerra, insinuando, com razão, que o cessar-fogo não significou imediata mudança nas mentalidades.

A iniciativa para a reelaboração do passado chegaria à Alemanha do leste apenas no final da década de setenta com Christa Wolf (*Kindheitsmuster*). No ocidente, preocupados com a crescente ameaça de uma guerra nuclear, com a degradação do meio-ambiente, com as amarguras do operariado estrangeiro e a falência das utopias, os autores só voltariam à questão com maior intensidade no final dos anos oitenta, como atestam Braese e Gehle (1999, p. 82):

O conceito corrente de “retorno do passado” no final dos anos 1980, também chamado de “retorno dos recalques”, aponta de novo e com toda clareza tanto para disposições históricas quanto psicológicas que fundamentam os fatos aqui observados. O passado e os recalques são a história alemã sob o nacional-socialismo, a guerra de agressão e o extermínio dos judeus da Europa. Este recalque inclui também o diálogo com os sobreviventes e que até hoje não teve lugar.

Um pouco antes, entretanto, um título apresentado por Walter Kempowsky viria a despertar, mais uma vez, o público para o debate: *Você sabia disso? (Haben Sie davon gewusst?)*, de 1979, “reúne as respostas a uma pergunta que durante anos [o autor] havia feito a centenas de pessoas que havia encontrado”. Importava saber que “consciência elas tinham daquilo”, isto é, dos horrores cometidos pelos nazistas (SOUZA, 1995, p. 157). Com renovado ânimo, retomava-se a discussão com o passado e suas consequências. Nesta época, assinalaram-se lançamentos de obras de autores alemães e austríacos que se dedicaram à questão, como por exemplo B. Honigmann com o *Romance de uma criança* (1986), ou *Os filhos de Bronstein* (1987), de Jurek Becker, ou *A benção da geração tardia* (1987), de Gert Heidenreichs. Também chamaram a atenção da crítica o livro de Thomas Bernhard, *Aniquilação* (1987) e o de Georg-Arthur Goldschmidt, *Segregação*, de 1991 (SCHLOSSER, 1994, p. 286). A germanista brasileira Celeste Ribeiro de Sousa (1995, p.18) destaca, em sua panorâmica da literatura alemã nos anos 1980, autores como Christoph Meckel, Peter Brückner, Helga Novak e o próprio Alfred Andersch, todos voltados para a “confrontação com o nacional-socialismo”. Andersch revisita o tema com o título *Der Vater eines Mörders*, no qual ele volta ao Wittelsbacher Gymnasium, por ele frequentado na juventude, e cujo diretor era ninguém menos que o pai de Heinrich Himmler, o poderoso chefe das sinistras SS.

Finalmente, ao longo da década de 1990, a *literatura de resgate* ganharia significativo impulso com a reunificação alemã e o fim das barreiras impostas pela censura da ex-RDA. O mercado livreiro lança na praça títulos de autores como Günter De Bruyn, que até então tinham preferido aguardar oportunidade adequada para publicar suas memórias de guerra, pois a antiga Alemanha oriental também honrou com cargos ex-agentes e oficiais de passado comprometedor. O impulso

trazido pelas publicações de autores do leste reativou o movimento editorial de obras de resgate também na antiga RFA com títulos como *Ein springender Brunnen*, de Martin Walser (1998). De maneira geral, poderia se falar de uma agitação no mercado também provocada pela aproximação da comemoração dos cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial. Registrou-se, portanto, a chegada de obras de diversos autores às livrarias que tinham como tema a juventude sob o nacional-socialismo como *Weh dem, der aus der Reihe tanzt*, de Ludwig Harig (1993) e que a crítica alemã (REICH-RANICKI, 2000, p. 125) também teve dúvida em classificar como publicações de “uma segunda (ou terceira) onda” da *literatura de confronto*.

Já nos primeiros anos do século XXI, este gênero é, de novo, matéria da imprensa em virtude de mais uma carga temática relativa ao banimento dos alemães do leste europeu. Além disso, o pagamento das reparações de guerra a ex-prisioneiros provoca a reedição de memórias de sobreviventes do holocausto.

A contabilidade

O interesse da opinião pública por esse passado está longe de se esgotar. Há inúmeras publicações, artigos e séries dedicados ao tema da guerra étnica, da guerra tecnológica, e de todos os horrores que a precederam ou acompanharam, temas que se constituem ou ressurgem após décadas de recalque. Há depoimentos distanciados politicamente entre si que aguardam sua vez para vir à luz como os de elementos da resistência intimidados por pressões bloqueadoras. Outros depoimentos exigirão mais coragem. Será o caso do relato de colaboradores. Tampouco devemos nos esquecer do envolvimento às vezes indireto de certos governos em questões ainda pouco esclarecidas, como o da hesitação de Churchill em ordenar bombardeios de ferrovias que passavam por Auschwitz (*Der Spiegel*, 23/2000, p. 195).

Em artigo neste semanário alemão (BRODER, 2001, p. 83), dois pesquisadores americanos judeus de tendência liberal fazem afirmações que contribuem para aquecer ainda mais as disputas. Norman Finckelstein não se deixa demover, por exemplo, da ideia de uma “indústria do holocausto”, título de um de seus livros. Seu interlocutor, Peter Novick, “ocupa-se com a americanização do genocídio, com a transformação de uma catástrofe em meta-realidade de natureza especulativa”. Esses dois estudiosos movimentam-se na mesma direção, apenas com ângulos de visada distintos: Finckelstein é mais crítico em relação à habilidade judaica de “superfaturar” o passado em favor do presente, enquanto Novick concentra sua crítica mais sobre os dividendos geopolíticos que os Estados Unidos e sua ideologia de hegemonia retiram até hoje da Segunda Guerra e da Guerra Fria.

Aos poucos, portanto, vêm ao dia os dois lados da verdade: um, mais antigo, de autenticidade incontestável, fartamente documentado, mas sempre insuficientemente esclarecido; e outro, mais recente, que procura relativizar a responsabilidade dos agentes e recalcular o estigma herdado por aqueles que nem foram

atingidos pelos problemas diretamente. Durante todo o ano de 2001, essa questão esteve, de novo, em grande destaque na mídia quando, finalmente, o governo de Berlim, juntamente com muitas grandes firmas alemãs, chegaram a um acordo a respeito da quantia destinada à indenização daqueles sobreviventes que, antes e durante a guerra, trabalharam sem salário nos campos de concentração ou mesmo nessas empresas, algumas das quais, ainda hoje, têm renome mundial.

O contágio da velha mentalidade sobre as gerações seguintes, a indiferença ou indignação dos mais jovens em relação ao passado e a divisão perceptível da Alemanha ainda hoje, mais de vinte anos após a Reunificação, são sinais de que certas “falhas geológicas” ainda podem provocar alguns “terremotos”.

Na contabilidade dos confrontos, todos os itens constantes da coluna *Haben*, dos saldos do progresso e da emancipação ainda procuram o equilíbrio com os da coluna *Sollen*, dos débitos, abaixo:

19 milhões de soldados mortos ou desaparecidos
 14 milhões de civis mortos
 6 milhões de judeus assassinados
 10 milhões de desabrigados e refugiados
 A Alemanha dividida em quatro zonas de ocupação.
 A Prússia Oriental passa à administração russa e polonesa.
 A Silésia [a Pomerânia e o Brandeburgo Oriental] cedidos à Polônia.
 A maioria das cidades alemãs em escombros e cinzas.
 Reparações de guerra e fome. (FISCHER, 1984, p. 202)

Seria interessante compararmos estes números com os dados expostos por Dieter Wellershof (1995, p. 282) no corajoso “epitáfio” de suas memórias:

A Segunda Guerra Mundial exigiu 55 milhões de mortos e 35 milhões de flagelados.
 O número total de judeus assassinados no genocídio através de fuzilamento ou intoxicação em câmaras de gás nos campos de concentração alemães varia entre um mínimo de cinco milhões, duzentos e noventa mil e um máximo de pouco mais de seis milhões. Durante a ditadura nacional-socialista, cerca de 7,2 milhões de pessoas estiveram prisioneiras em campos de concentração. Apenas 500 000 sobreviveram.

Eis aí o ponto de partida *imediate* de toda *literatura de confronto*. Trata-se, aqui, de dados de dimensão semelhante, mas o confronto não se dá apenas com a unanimidade, senão com outras interpretações, com outras fontes e com outros pontos de vista, por mais contundentes que sejam, por mais *unmittelbar* (imediatos) que alguns documentos se apresentem. O que realmente importa é que o debate não se desvaneça e que ele impeça que a *literatura de resgate* acabe se tornando aquilo que ela própria vem combatendo há anos: um *Sprachblock*, uma muralha linguística com verdades eternas. Se, por um lado, a vontade de reaquecer a esfera pública é o que conta, por outro lado, seria arriscado negligenciar o poder dos sonegadores de significado. Com apoio na visão retrospectiva da história, a

pesquisa e a *literatura de resgate* andam de mãos dadas sobre a trilha da Modernidade.

Seria, talvez, interessante resumir, em breve panorama, as várias possibilidades de expressão que a *literatura de confronto* encontrou e que variam na proporção direta do drama pessoal de cada autor ou no grau de envolvimento com o assunto. Até o presente, pudemos constatar:

- 1) O resgate do *front*: relatos de primeira mão voltados para a experiência pura e simples da guerra, nos quais o questionamento sobre o nacional-socialismo vai embutido ou muito diluído na descrição dos horrores do *front* (H. Böll);
- 2) Escombros: uma *Trümmerliteratur* sobre as precárias condições de sobrevivência nas cidades bombardeadas (H. Böll e W. Borchert);
- 3) O silêncio: textos de escritores que se calaram sobre o que viam e ouviam, autoexilados em sua emigração interna, os quais aguardam estudo mais detalhado (E. Kästner e outros);
- 4) A normalidade: a literatura da “normalidade” do cotidiano do *Reich* (G. Grass);
- 5) O exílio: a já suficientemente estudada literatura alemã de exílio, cujos autores tenham se ocupado com a denúncia do nacional-socialismo durante ou posteriormente à guerra (irmãos Mann, A. Zweig, P. Weiss e muitos outros);
- 6) A retirada: a literatura de refugiados alemães do leste, encabeçada pelas memórias de Marion von Dönhoff que já ultrapassaram trinta e duas edições (NOACK, 2002, p. 37);
- 7) Textos de judeus tolerados (Hubert Fichte);
- 8) Textos de dupla origem: de judeus tolerados, eles mesmos retirantes (M. Wieck);
- 9) Textos corajosos dos que tudo abandonaram ou desertaram das linhas (A. Andersch);
- 10) A literatura sobre a resistência na Alemanha (U. Kardoff, M. Degen, D. Bald. P. Weiss);
- 11) O testemunho de sobreviventes dos *KZ* (Levi, Semprún, Becker e Kertész);
- 12) Pesquisas do âmbito da sociologia, história, psicologia e outras ciências humanas sobre a sociedade, as profissões, a técnica, a escola no período nazista;
- 13) O prêmio Scholl;
- 14) A literatura dos soldados (Wellershoff e Heym);
- 15) Pesquisas linguísticas sobre as transformações sofridas pelo idioma sob o III Reich;
- 16) Textos de autores alemães que optaram pelo confronto em obras ficcionais ou em poesia (I. Bachmann, G. Grass, N. Sachs, P. Celan e outros).

Por uma nova estética literária

Seja qual for a natureza do texto, a literatura de confronto acabou sendo responsável por uma nova teoria literária que pudesse dar conta da dimensão dos acontecimentos referentes à política de extermínio programado do III Reich na Alemanha e na Europa ocupada, sobretudo no leste. Aqui, nos voltamos para a literatura de resgate de ficção.

Stephan Braese e Holger Gehle (1999, p. 79) percebem a necessidade de se reescrever a história da literatura depois do holocausto, devido a um discurso específico em torno deste drama da humanidade. O fato de a *literatura de resgate* ter adquirido traços peculiares dentro da RDA atesta apenas uma característica específica da literatura alemã oriental naquelas circunstâncias. No fundo, a opção pela confrontação é a mesma e vem de encontro a uma demanda conjunta alemã de esclarecer o passado gerando uma linguagem – ou uma metalinguagem – desdobrada em suas variantes ficcional e autobiográfica que funda um processo criativo peculiar com a invenção de um domínio de objetos instituídos no interior do próprio discurso. Construído ao longo dos anos do pós-guerra, esse discurso subjaz às diversas formas e gêneros que o tema incorpora:

A totalidade dos textos “sobre o holocausto” gera um arquivo de projetos políticos. A maioria dos textos deste arquivo segue a máxima que Adorno assim formulou: **“Organizemos o pensar e o agir de tal maneira que Auschwitz jamais se repita”**. A literatura sobre o holocausto adquire, assim, em geral, uma disposição ético-moral de determinação relativamente precisa, que a destaca integralmente do *corpus* da literatura. E é esta disposição que permite falar de um *discurso* sobre o holocausto e reunir num conceito tipos de texto como o romance, o conto, a poesia, o drama, o ensaio e outros de natureza científica, de índole didática, de origem política ou jornalística, além daqueles testemunhos de cunho privado como cartas e diários. Naturalmente, o discurso sobre o holocausto abrange também outros meios e gêneros como música e ópera, textos para o rádio (*Hörspiele*), ensaio radiofônico (*Radioessay*), filmes, séries para televisão e especiais dramatizados (*Fernsehfeature*). Referência

Neste artigo, Braese e Gehle destacam o fator “imedição” (*Unmittelbarkeit*) que deve estar implícito a qualquer dessas manifestações. Trata-se da constatação da verdade simples e crua, legível em diversos documentos oficiais e que a nova linguagem teve de levar em consideração para se capacitar e mostrar-se convenientemente construída para a abordagem do problema, constituindo-se em um código que estivesse à altura tanto do testemunho direto, tanto dos agentes quanto das vítimas. Reproduzimos, abaixo, o trecho dos pesquisadores (BRAESE & GEHLE, 1999, p. 81) onde se entende melhor esta teorização:

Na introdução de seu livro publicado em 1981 com o programático título *Unmittelbar zur Epoche der NS-Faschismus*, [que em português soaria aproximadamente como “O nazismo sem intermediários”] Klaus Briegleb assinala a qualidade categorial que as manifestações sociais e políticas

representam, ao lado da ordem linguística e literária para a confrontação direta ao nacional-socialismo. O ponto de partida foi a confrontação com documentos nazistas sobre a política de extermínio: **“É como se a destruição dos homens se perpetuasse na corrente de documentos, o aniquilamento da face humana fixado sem meias palavras (*unmittelbar*) nas fontes da arquivologia, nas origens da destruição (...) Esta terrível imediação revoga qualquer discurso sobre gênero, seja ele de natureza científica, histórica ou literária. O gênero no fluxo dos documentos posteriores a Auschwitz e Plötzensee na Alemanha é a imediação.”**

O saldo excedente

Buscamos organizar uma taxonomia provisória e não-redundante, mas que serve para melhor situar as obras do gênero *literatura de resgate*. Talvez pudéssemos incluir nela textos de refugiados e prisioneiros que não sobreviveram aos horrores da guerra, apesar de contarem com representantes famosos como o famoso *Diário de Anne Frank*. Autores sob o item dez (resistência) poderiam também ser subdivididos entre aqueles do leste e do oeste, ou entre alemães e austríacos, mas renunciamos a esta subdivisão por razões já expostas.

A revisão do passado de horror assume diversas formas e nos permite chegar a um balanço final com “saldo excedente” de categorias que também poderiam ser incluídas nesta classificação. Esta operação, no entanto, exigiria alguma cautela, uma vez que qualquer de seus títulos implicaria numa redefinição do gênero.

Saldo excedente 1

A primeira das categorias não incluídas em nossa relação é, na verdade, uma variante, isto é, outra possibilidade de se apresentar o tema da confrontação com o estigma do nacional-socialismo sob a forma de ficção. Trata-se da literatura infanto-juvenil produzida a partir da década de 1970 e que logrou um expressivo sucesso com inúmeras edições de cada um de seus títulos. Um dos nomes mais reconhecidos deste segmento é o de Barbara Gehrts, cujo romance *Nie wieder ein Wort davon* (DTV, 1978) narra a angústia de uma menina que vivencia o drama do pai, oficial de alta patente contrário à ideologia nazista, e com coragem para sabotar os projetos de armas de grande poder de destruição que foram desenvolvidos nos últimos anos de guerra.

Saldo excedente 2

Uma modalidade que pode levantar certa dúvida é a literatura de revisitação de autores austríacos, embora Ingeborg Bachmann e Thomas Bernhard sejam dois nomes de peso que, por si só, já formariam uma tradição neste gênero na Áustria. Neste belo e contraditório país alpino, a política de desnazificação e de reavaliação procurou propagar a reputação de nação invadida e transferir toda a

responsabilidade pelos horrores da guerra à Alemanha, malgrado o entusiasmo inicial expresso nas urnas pela anexação, em março de 1938. Isto leva a crer que o confronto de significados ali tem, necessariamente, de lidar com outras variáveis.

Saldo excedente 3

Uma terceira possibilidade seria a da pesquisa ou o do ensaio político de caráter reacionário e/ou revisionista que pretende contestar os dados históricos, o que demandaria uma argumentação tendenciosa apenas na intenção de demolir o que sempre se provou como irrefutável. Seria o momento, então, de nos perguntarmos se a literatura de confronto acabou por se constituir ela mesma num discurso de pretensões hegemônicas ou se, ao contrário, ela é o contradiscurso, oposto à corrente do bloco de poder, de um *Sprachblock*, que vê nela apenas uma eterna fonte de lamentações que alimentaria uma já identificada “indústria do holocausto”. É de largo conhecimento na esfera pública alemã que autores renomados como Botho Strauss e até mesmo Martin Walser defendem uma revisão da atitude crítica frente à Alemanha e uma reformulação do discurso que predominou nos últimos cinquenta anos. Embora dificilmente alguém pudesse arriscar uma classificação desses autores como nazistas, eles, vez por outra, fazem-se notar através de lançamentos, artigos ou declarações que provocam a opinião pública. *Tu carregas meu nome* (2004), de Norbert e Stephan Lebert, se inclui nesta categoria, pois reúne depoimentos de filhos de notórios nazistas, alguns deles muito interessados em reabilitar o passado comprometedor de seus pais.

Saldo excedente 4

Outro tipo de literatura que simula um resgate é aquela dedicada às biografias dos grandes mandatários. Embora se trate de uma vertente da literatura de confronto *sui generis*, ela pode servir como fonte de dados para outras pesquisas. Neste filão, um dos títulos mais prestigiados é a biografia assinada por Alan Wykes, *Hitler* (1974). Existem diversas outras focalizando outras personalidades do nazismo. Ao lado de textos mais sérios, há outros que se voltam, na maioria dos casos, para a figura de Hitler, concentrando-se em detalhes obscuros, idiossincráticos e até lendários de sua biografia. Partem do princípio de que a vontade do ditador fora fator suficiente para seu sucesso e suas patologias responsáveis por todas as desgraças. Embora a maior parte de toda a miséria já estivesse, de fato, prevista em seu *Mein Kampf*, como o extermínio dos elementos ditos “inferiores” (SOBEL, 2003, p. 30) é pouco provável que Hitler tivesse obtido tantos apoios se acreditasse em todas as suas teorias sozinho. Pesquisas desse gênero constituem-se, assim, numa historiografia para muitas luzes e vitrines que tem como alvo “consumidores educados” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 22). A rigor, não atendem aos objetivos para uma pesquisa histórica realmente empenhada na determinação das origens psicológicas e sociais do nazismo.

Saldo excedente 5

Uma variante que também exigiria cautela de leitura seria aquela composta por eventuais (auto) biografias de ex-agentes da *Gestapo* ou de ex-oficiais da SS que, após a Segunda Guerra Mundial, conseguiram escapar aos processos ou a sentenças mais rigorosas e foram conduzidos a importantes postos dentro de firmas alemãs de renome internacional ou mesmo no serviço público federal. Um deles, de nome Albert Riester, que, sob o codinome “Gerhardt”, trabalhou justamente como informante da polícia secreta do Estado, esteve envolvido na captura dos irmãos Scholl. Após a guerra, ele foi alto funcionário do governo federal alemão e, em seguida, chefe de segurança da Daimler-Benz. Por todos esses serviços, Riester recebeu, em 1984, a condecoração da Gran Cruz de Honra de Primeira Classe da RFA (WIEGREFE, 2003, p. 50). O mesmo autor cita nesse texto o caso oposto, mas igualmente oportunista de Hans Hirzel, antes colaborador dos irmãos Scholl e, posteriormente, assistente de ninguém menos que Theodor Adorno nos *Cadernos de Frankfurt*. Apesar dessas ótimas referências, Hirzel, surpreendentemente, se candidatou, nos anos de 1990, ao cargo de Presidente da República por um partido radical de ultradireita.

Saldo excedente 6

Uma penúltima possibilidade de sistematização é a de se considerar a literatura de resgate nos *países ocupados* e que, diferentemente da matriz alemã, estaria concentrada na denúncia daqueles que compactuaram e colaboraram com os invasores, tenha esta adesão se verificado de maneira direta (formal), ou não, como aconteceu na França, na Holanda, na Bélgica, na Dinamarca, na Noruega, e na Europa Central e Oriental. O segundo caso seria o da adesão oficial, ou não, aos equivalentes partidos de simpatias nazistas surgidos em *países que colaboraram* - mesmo que por razões distintas - diretamente com o III Reich, como a Hungria, a Eslováquia, a Finlândia e a Croácia. É preciso lembrar que boa parte dos contingentes das SS era formada por centenas de milhares de simpatizantes que - presume-se - se alistaram voluntariamente neste exército paralelo criado unicamente para se contornar uma limitação de contingente imposta pelo Tratado de Versalhes. Juntos, esses voluntários somaram mais de 360 mil indivíduos que os nazistas engajaram nas missões e nas rotinas mais sujas, muitas vezes contra seu próprio povo (KEEGAN, 1974, p. 96; p.116).

Saldo excedente 7

Gostaríamos de acrescentar, aqui, uma última categoria reservada aos textos para teatro com a temática *Vergangenheitsbewältigung* - elaboração do passado - na qual podemos apresentar nomes como Peter Weiss, Wolfgang Borchert, Bertolt Brecht e Martin Walser. Presentes em mais de uma categoria de nossas identificações, estes autores, juntamente com a polivalente Erika Mann e a poetisa Nelly

Sachs, escreveram páginas para o palco com forte impacto cênico e corajosa abordagem do passado. Tendo sido uma das personalidades mais ativas nas campanhas de difamação dos nazistas, Erika Mann obteve enorme sucesso com *sketches* para o teatro de revista nos quais dava vazão à sua verve satírica. Através de mais de mil apresentações de seu grupo *Die Pfeffermühle* nas principais capitais européias onde se exilou, seu nome ficou conhecido em todo o continente como incansável adversária do fascismo (KRULL, 1997, p. 352). Igualmente, entre os dramaturgos figura, de novo, com brilho, o nome de Nelly Sachs através de sua peça *Eli – um auto lendário do sofrimento de Israel*, concluída em 1944, mas produzida pela primeira vez em 1962, na Alemanha. Ainda para o teatro, tem-se, de Peter Weiss, a “cantata” *A Investigação* ou *A Instrução (Die Ermittlung)*, de 1965, a qual, em “versos coloquiais sóbrios apresenta o depoimento dos réus e testemunhas acerca do campo de extermínio de Auschwitz” (ROSENFELD, 1993a, p. 335). Borchert se inscreve com *Draussen vor der Tür*, um texto produzido no imediato pós-guerra (1947) que narra o drama de um soldado que volta da guerra. Analista de primeira hora e crítico implacável da sociedade alemã pró-nazistas, Bertold Brecht já percebera as disposições sociais amorais nos indivíduos seduzidos pela ideologia autoritária desde os seus inícios e em todas as faixas etárias. Ilustrativa é a apavorante cena do menino-espião que, como tantos alemães, vê-se, subitamente, detentor de um novo poder cuja perversidade ele não pode perceber na sua ânsia denunciatória. Este é o drama que Brecht encena em seu ousado texto *Terror e miséria do III Reich*, de 1935 (SOUZA, 1995, p. 164). Por fim, mencionamos, de Martin Walser, *O Cisne negro*, peça de 1965, que ilumina a dilaceração da consciência dos filhos de uma geração culpada de inúmeros crimes de guerra (ROSENFELD, 1993a, p. 335).

Balanço final

A *literatura de confronto* se constituiu no único gênero que, desde a fundação dos dois Estados alemães, soube manter-se atual por propor, periodicamente, uma revisitação do tema do nacional-socialismo, retomado sob diferentes abordagens, seja do ponto de vista da memória pessoal, seja do ângulo da pesquisa histórica ou do romance cem por cento ficcional. Ao contrário de outras tendências pseudo-históricas não de todo isentas de juízo de valor, a pesquisa de confronto não se concentra sobre idiosincrasias pessoais de líderes políticos, mas, ao contrário, busca na sociedade a causa de todas as opções. Diferentemente de outras correntes literárias que se esgotaram mais rapidamente como a *Nova Subjetividade*, o romance-reportagem, o apelo saudosista aos mitos medievais e até mesmo a literatura sobre o drama da Reunificação, a literatura de resgate se perpetua na cena literária alemã, se afirmando como uma forma de pensamento histórico e identitário, de natureza mais conciliadora que provocadora, capaz de aproximar horizontes cognitivos e cronológicos distantes.

Este gênero cumpre, assim, um papel para além do reconhecimento de uma culpa ou da perpetuação de um trauma. Trata-se, antes, do confronto de significados de natureza necessariamente comunicativa e cujo objetivo maior é esclarecer a respeito de um período de retrocesso civilizatório, obscuro, anacrônico, violento, embora não totalmente isolado, e que dificilmente estará superado sem que se conheçam os caminhos que levaram a Alemanha à catástrofe.

Alguns autores são mais ousados na aproximação da grande cratera do passado e dos gases do estigma. Cabe, agora, perguntar a respeito da capacidade da literatura de se aproximar desse vulcão da história, sempre fumegante, cuja erupção original e mais medonha suscitou um gênero de pesquisa e de literatura, que, retrospectivamente, pode encontrar rico material “geológico” em todos os tempos e todas as latitudes.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora da Unesp e Hucitec, 1998.
- BRAESE, Stephan & GEHLE, Holger. Literaturwissenschaft und Literaturgeschichte nach dem Holocaust. In: Arnold H. L. (Hrsgb). **Text+Kritik** Nr. 144, Literatur und Holocaust. München: Edition text+kritik, 1999. P. 79-95.
- BRODER, Henrik M. Auf Tour. In: **Der Spiegel** Nr. 6/2001. Hamburg: Spiegel Verlag Rudolf Augstein GmbH, 2001. p. 83.
- DE BRUYN, Günter. **Zwischenbilanz**: eine Jugend in Berlin. Frankfurt am Main: Fischer, 1994
- BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: _____, (org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992, p. 7-38.
- CARPEAUX, Otto M. **A literatura alemã**. São Paulo: Cultrix, 1964.
- DAHLKE, Birgit. Jurek Becker, ein Leben ohne Kindheit. In: **Kulturchronik**. Bonn-Bad Godesberg. Goethe Institut-InterNationes, 2003, Nr. 2, p. 14-16.
- DARNSTÄDT, T. und WIEGREFE, K. Vater, erschieß mich. Spiegel Serie über Flucht und Vertreibung der Deutschen aus dem Osten. In: **Der Spiegel** Nr 13/2002 Hamburg: Spiegel Verlag Rudolf Augstein GmbH. p. 40-60.

DER SPIEGEL Nr. 23/2000. Britischer Blick auf das Böse. Hamburg: Spiegel Verlag Rudolf Augstein GmbH, 2000, p. 19.

DUSSEL, Konrad. Crítica de Führertreu und gottbegnadet. Künstlereliten im Dritten Reich de Oliver Rathkolb (Wien: Österreichischer Bundesverlag, 1991) In: **Universitas**. 554, Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1992, p. 813.

FISCHER, Markus et alii. **Der Nationalsozialismus**. Eine Dokumentation über die zwölf dunklen Jahre deutscher Geschichte. Bonn, Bad Godesberg: InterNationes, 1984.

GADAMER, Hans-Georg. Sprache als Medium der hermeneutischen Erfahrung. In: STÖRIG, H. J. (Hrsgb.) **Das Problem des Übersetzens**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1973. p. 402-409.

GEHRTS, Barbara. **Nie wieder ein Wort davon?** München, DTV, 1978.

GRANT, Colin B. *Literary communication from consensus to rupture*. Practice and theory in Honecker's GDR. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1995.

GRASS, Günter. **Hundejahre**. Neuwied am Rhein: Luchterhand, 1963.

_____, **Katz und Maus**. Darmstadt: Moderner Buchclub, 1964.

HARIG, Ludwig. **Weh dem, der aus der Reihe tanzt**. Frankfurt am Main: Fischer, 1993.

HERF, Jeffrey. **O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no III Reich**. São Paulo e Campinas: Ensaio e Editora da UNICAMP, 1993.

HIEBER, Jochen. Kindheit in der Nazizeit: Die barbarische Seite der Normalität. In: **Deutschland** Nr.5/98, Bonn: Societäts-Verlag/Presse und Informationsamt der Bundesregierung, 1998, p. 61.

JORNAL DO BRASIL. Novas biografias de Primo Levi. Caderno de Idéias. Rio de Janeiro: 4 de maio de 2002, p. 7.

KATZ, Chaim S. (Org) et alii. **Psicanálise e nazismo**. Rio de Janeiro: Taurus, 1985.

KEEGAN, John. **Waffen-SS: soldados da morte**. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

KROCKOW, Christian v. **Die Deutschen in ihrem Jahrhundert 1890-1990**. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1990.

KRULL, Marianne. *Na rede dos magos: uma outra história da família Mann*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEBERT, Norbert & LEBERT, S. **Tu carregas meu nome**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LENZ, Siegfried. **Deutschstunde**. Hamburg: Hoffmann und Campe, 1968.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992, p. 132-162.

MOMMSEN, Hans. Täter, Opfer, Zuschauer: Der Chronist Raul Hilberg erhielt den Geschwister-Scholl-Preis. In: **Kulturchronik**. Bonn-Bad Godesberg: Goethe Institut-Internationes, Nr. 1, 2003, p. 25-27.

MÜLLER, Harro & WEGMANN, Nikolaus. Instrumentos para uma historiografia genealógica da literatura. In: KRIEGER Olinto, H. (org.) **Histórias de literatura: as novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática, 1996, p. 285-302.

- REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- REICH-RANICKI, Marcel et alii. **Und alle Fragen offen**. Das Beste aus dem Literarischen Quartett. München: Wilhelm Heyne Verlag, 2000.
- RIGG, Bryan Mark. **Os soldados judeus de Hitler**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- ROSENFELD, Anatol. **História da literatura e do teatro alemães**. São Paulo: Perspectiva; EDUSP; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993a.
- _____, **Letras germânicas**. São Paulo: Perspectiva e EDUSP; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993b.
- SCHIEWE, Jürgen. **Die Macht der Sprache**: eine Geschichte der Sprachkritik von der Antike bis zur Gegenwart. München: Beck, 1998.
- SCHLOSSER, Horst. **DTV-Atlas zur deutschen Literatur**: Tafeln und Texte. München: DTV, 1994.
- SCHWEIKERT, Uwe. Kunst als Widerstand, Widerstand der Kunst. In: ARNOLD, H. L. (Org.) **Text + kritik**. München. Edition text + kritik. Heft 37, 1982, p. 107-114.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. Vozes da catástrofe. In: **Cult**. Revista brasileira de Cultura. São Paulo. Editora 17, N. 67, ano VI, p. 22ss, março 2003.
- SEMPRUN, Jorge. Sou um deportado de Buchenwald (entrevista a Blanco M.L.) In: **Humboldt**. Bonn-Bad Godesberg: Goethe Institut - InterNaciones, N. 83, 2001, p.10-14.
- SOBEL, Henry. A fé depois do holocausto. In: **Cult**. Revista Brasileira de Cultura. São Paulo : Editora 17, N. 67, 2003, p. 30-31.
- SOUSA, Celeste H. M. R. de. Ein Überblick über die deutsche Literatur in den 80er Jahren. In: **Projekt**, Revista da Associação de professores de alemão do Brasil. Campinas: ABRAPA, 1995, N. 17, p. 16-19.
- SOUZA, Paulo C. de. **Freud, Nietzsche e outros alemães**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: origens, interpretações e legados. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VARGAS LLOSA, Mario. Pátria portátil: as memórias do crítico Marcel Reich-Ranicki. In: **Humboldt**. Bonn, Bad Godesberg: Goethe Institut - InterNaciones, 2003, No. 86, p. 66-67.
- VEJA. O relançamento de “Kadish” de Imre Kertesz. São Paulo: Editora Abril, 13.11.2002, p.153.
- WALSER, Martin. **Ein springender Brunnen**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998.
- Von WANGENHEIM, Wolfgang. Zum Stil Hubert Fichtes. In: ARNOLD, H. L. (Hrsgb) **Text+Kritik** No. 72 (Hubert Fichte). München: edition text+kritik GmbH, 1981. p.23-29.
- WELLERSHOFF, Dieter. **Der Ernstfall**: Innenansichten des Krieges. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1995.
- WERNER, Hans-Georg. Os efeitos e a história da literatura. In: KRIEGER OLINTO (org.) **Histórias de literatura**: as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996, p. 303-315.
- WIECK, Michael. **Zeugnis vom Untergang Königsbergs**. Heidelberg: HVA, 2001.
- WIEGREFE, Klaus. Tödlicher Irrtum. In: **Der Spiegel**, Hamburg: Spiegel Verlag Rudolf Augstein GmbH N. 9, 2003, p. 48-50.

WISCHENBART, Rüdiger. Ich schreibe, was mir die Wahrheit zu sein scheint: ein Gespräch mit Hubert Fichte. In: ARNOLD, H. L. (Hrsgb) **Text+Kritik**, No. 72. (Hubert Fichte). München: edition text+kritik, 1981, p. 67-85.

WOLF, Christa. **Kindheitsmuster**. München: DTV. 1994 (Erstveröffentlichung: Berlin und Weimar, 1976).

WYKES, Alan. **Hitler**. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

WOLF, Christa. **Kindheitsmuster**. München: DTV. 1994 (Erstveröffentlichung: Berlin und Weimar, 1976).

RECEBIDO EM 11/06/2011 e APROVADO EM 27/10/2011.